



Cuidar e reinventar vidas e abrigos às margens

Jornal da Universidade / 3 de junho de 2024

Artigo | Daniela Dallegrave, Juliano Andre Kreutz e Alpehu Ferreira do Amaral Júnior relatam experiência com práticas integrativas e complementares em saúde no atendimento de voluntários

*Foto: Marcelo Pires/FJU

"De que forma posso contribuir para amenizar essa dor?". A pergunta ressoa entre sons de sirenes, motores de botes, helicópteros e ambulâncias. Desapareceu o silêncio. Gritos de socorro, choros de tristeza e de revolta, consolo, indignação e solidariedade se emendam, sem pausas. As águas arrastaram casas, pontes, livros, brinquedos, "cachorro, gato, galinha" e quem "janta junto todo dia". Desapareceram vidas. O lugar, de nome agora quase irônico, "Rio Grande do Sul", é rio de dores e de perguntas. Remos de barcos de resgate e colheres das cozinhas solidárias, sincronizados, ensaiam coreografias dos recomesos.

O Rio Grande do Sul, em luto coletivo, surpreende-se e, em lugares dispersos, reinventa-se. Com as enchentes, reencenam-se dores da sindemia de covid-19, das cheias do Vale do Taquari e outras tantas, com graus desiguais de reconhecimento e de comoção social, nas periferias, nos quilombos, nas aldeias, nas ruas. Dores das vidas às margens, vulnerabilizadas, que se encontram, se abrigam e transformam não lugares em espaços, relações, saberes e formas de vida não acomodadas ao presente.

As incômodas questões, o que fazer?, como?, o que é possível?, a nebulosa inquietação que envolve a dor interrompe o curso habitual da vida. "De que forma posso contribuir para amenizar essa dor", a interrogação de Dione Martins da Silva, se enlaça com a de outras cuidadoras em saúde, que formam uma rede. O convite aos encontros partiu do projeto "BotePICS: Cuidados em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde nas Enchentes-RS", vinculado ao Programa de Extensão #SUSTentaPICS, da Escola de Enfermagem e de Saúde Coletiva, da UFRGS, em colaboração com a Secretaria de Estado da Saúde (SES-RS). A iniciativa se apoia em [experiência anterior](#), no enfrentamento da sindemia de covid-19, que atendeu profissionais e estudantes, das áreas da saúde e da educação.

A análise de situação da área técnica da gestão estadual de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) juntou-se à de inúmeros outros dispostos a agir coletivamente. Alguns representavam organizações estatais e da sociedade civil, como a Rede PICS Brasil, ObservaPICS, Universidade Federal de Goiás (UFG), Associação Brasileira de Farmacêuticos Homeopatas (ABFH), Associação Brasileira de Enfermeiros Acupunturistas e Enfermeiros de Práticas Integrativas (Abenah), Conselho Nacional de Autorregulamentação da Terapia Floral (Conaflor), além de empresas, lojistas e produtores de insumos necessários aos cuidados integrativos de saúde, os quais, nessa ação, não anunciam suas marcas, colaboram na perspectiva dos interesses públicos.

"O que fazer" se tornou questão e ação coletivas. O acolhimento de pessoas desabrigadas na catástrofe climática-social-ambiental inclui resgates, comida, água, casas provisórias, roupas, cobertores, brinquedos, artes, escutas, porque "a gente não quer só comer, a gente quer prazer pra aliviar a dor".

Rapidamente abriram-se abrigos formais e informais, em escolas, clubes, centros comunitários. Somente em Porto Alegre, no dia 09 de maio, eram 149 e hospedavam 14 mil pessoas. Nesses locais, muitos, inclusive abrigados, participam de grupos responsáveis por alimentação, fluxo de doações, cuidado de animais, saúde, etc.. Contradições, vulnerabilidades, violências e sofrimentos, que marcam as vidas "lá fora", se reproduzem e estremece as redes de acolhimento. É preciso "abrigar-se" de outras maneiras.

As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde criam abrigos dentro dos abrigos, ou, nas palavras da Rita Pires, osteopata pediátrica, em meio à confusão geral, "durante os atendimentos, parecia que tudo ficava tranquilo e silencioso". Ela não hesitou em se inscrever no grupo de voluntárias(os) para o enfrentamento da situação de calamidade: "Era a chance de ajudar com o que sei e gosto de fazer que é a osteopatia". Reapareceriam pausas, silêncios.

Em 08 de maio divulgou-se um convite às pessoas formadas em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde para se [cadastrarem](#) como voluntárias no atendimento às equipes de trabalho dos abrigos, em colaboração com políticas públicas. Este tipo de iniciativa se mostrou efetivo nas catástrofes de Brumadinho-MG e Petrópolis-RJ.

Aqui, iniciaria-se com Práticas que não necessitavam de insumos, como ioga, meditação, massagem. Ao mesmo tempo, solicitaram-se doações de agulhas para acupuntura, placas de auriculoterapia, florais, medicamentos homeopáticos, entre outros. Realizaram-se negociações, articulações institucionais e visitas a abrigos. Criaram-se documentos de registro, processos de validação das habilitações das(os) voluntárias(os), ferramentas de automatização, além de dispositivos de gestão das ações.

Os atendimentos iniciaram em 13 de maio, em quatro locais: Centro Vida, Colégio Júlio de Castilhos, Escola Estadual Rafael Pinto Bandeira e Centro Estadual de Treinamento Esportivo. Com 233 terapeutas cadastrados, 178 atendimentos individuais e três coletivos foram realizados nos primeiros dois dias. Nesse momento, planeja-se e viabiliza-se a expansão para todo o Estado, para os mais de quatrocentos municípios em situação de calamidade.

Emergencialmente, voluntários, indivíduos, com recursos próprios, associam-se às políticas públicas, às ações estatais e aos movimentos sociais organizados. Não é a concorrência, nem o empreendedorismo individualista que se sobressaem. Enfrentam-se as incertezas com o fortalecimento de sistemas coletivos, das comunidades, das relações solidárias. Intensifica-se o desafio de transformar esse "fazer junto" em princípio de transformação democrática radical dos serviços públicos, das políticas públicas, dos sistemas de proteção civil e de proteção social, a afirmar o acesso universal e a gestão do que é necessário à vida comum. Esses mínimos gestos nascem para amenizar dores e suscitar outros gestos, a compor laços com os tantos que cantam, "Se meu mundo cair, eu que aprenda a levantar", e inventam novas maneiras de existir e de "abrigar-se".

[Daniela Dallegrave](#) é professora do departamento de Assistência e Orientação Profissional da Escola de Enfermagem e de Saúde Coletiva – UFRGS, atua no Programa de Pós-graduação em Ensino na Saúde e coordena o projeto.

[Juliano Andre Kreutz](#) é professor do Instituto Federal de Educação do Rio Grande do Sul no câmpus Alvorada, atualmente cursa o doutorado em Letras na Universidade Federal de Santa Maria e participa da equipe de coordenação da experiência relatada neste artigo.

[Alpehu Ferreira do Amaral Júnior](#) é servidor da Secretaria Estadual de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul e coordenador do projeto.

"As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo."

:: Posts relacionados



Carta aos leitores | 05.06.24



Receita catastrófica: desmonte do Estado com mudanças climáticas



Para repensar a infraestrutura urbana



Sobre inundações, ou a importância do urbanismo

:: ÚLTIMAS



Carta aos leitores | 13.06.24



Conhecimento do português proporciona acolhimento para imigrantes que vivem no Brasil



Movimento de plataformação do trabalho docente



O Direito e a prevenção de desastre ambiental



Atuação do NESA-IPH frente às inundações



A presença negra num bairro riograndino



Carta aos leitores | 06.06.24



A cultura Hip Hop expressa sua coletividade em espaços que demarcam sua presença no RS



Impercepção botânica na política ambiental



Árvores podem aliviar deslizamentos e enchentes

[View on Instagram](#)

